

Índice

Antídotos contra a mentalidade utilitária.....	1
--	---

Antídotos contra a mentalidade utilitária

A mentalidade utilitária muda as regras de jogo da vida social, ao difundir um modo de pensar e critérios de estimativa concretos. Por isso, combatê-la exige alterar alguns padrões de pensamento e deixar de assumir como valores supremos da sociedade os que o utilitarismo dita.

Uma das expressões mais conhecidas da mentalidade utilitária é o imperativo de sermos produtivos e eficientes *acima de tudo*. Quase ninguém discute o dever de sermos proveitosos ou de fazermos render recursos que são escassos da melhor maneira possível. O problema surge quando a utilidade é apresentada como o único critério de avaliação ou o mais decisivo, mesmo em âmbitos onde faz pouco sentido aplicar a análise custo-benefício.

O utilitarismo encontra um aliado em determinados modos de pensar. Algumas vezes são temas assumidos de forma acrítica; outras vezes, ideias mais elaboradas que adotam uma determinada conceção do bem.

Manifestações de diferente índole

Nos momentos mais críticos da pandemia da Covid-19, quando escasseavam os recursos, alguns recorreram ao critério de procurar *o máximo benefício para o maior número de pessoas* de forma a dirimir o difícil dilema ético de [a quem dar prioridade](#) nas unidades de cuidados intensivos. Uma organização dos médicos provocou polémica ao recomendar levar em conta, entre outros fatores, a maior utilidade social do doente, exami-

nando se tinha pessoas a seu cargo, ou a transcendência das suas tarefas.

Uma variante deste padrão mental é a assumida afirmando que o desejável do ponto de vista ético é *aquilo que poupa o máximo de sofrimento*. Por isso, hoje a decisão de não ter filhos é defendida não como uma mera opção, mas como [um dever moral](#) que mais pessoas deveriam imitar. Claro que na vida existem coisas boas e más, mas porquê dar filhos ao mundo se podemos evitar-lhes qualquer sofrimento e, de passagem, minimizarmos os danos ao planeta?

Outra forma de pensamento utilitarista é a que considera que *nada acontece por se fazer o mal para conseguir o bem*, uma frase que nem sempre é verbalizada com esta crueza e que, por isso, pode ser praticada de modo mais ou menos consciente... inclusivamente, entre os supostos adversários do utilitarismo. Assim ocorre, por exemplo, quando alguém muda as palavras de outra pessoa ou o seu sentido para conseguir que digam aquilo que convém a uma causa ou a um argumento; quando alguém reproduz sem licença no seu blogue um artigo alheio alegando que “pode fazer muito bem”; quando alguém se nega a reconhecer aquilo que de verdadeiro existe na posição do rival político para evitar dar-lhe quaisquer vantagens, etc.

Na sua vertente mais extrema, o utilitarismo agarra-se à desculpa de que *os fins justificam os meios* para assumir como boas ações que são contrárias à dignidade humana, tipo a [tortura](#) para obter informações que salve vidas; a [manipulação genética de embriões](#) – ou, diretamente, a sua [destruição](#) – para curar outros; o encobrimento de delitos para salvaguardar o bom nome de uma instituição; a coação psicológica para levar uma pessoa a fazer aquilo que não quer fazer, alegando todo o tipo de sequências benéficas para ela própria, a empresa, o partido...

“Dignidade é o que estorva”

O primeiro e mais urgente antídoto contra este tipo de ações é tomar consciência do valor indisponível de qualquer pessoa. Em caso algum existem boas razões para tratar um ser humano como uma coisa, para o degradar a uma condição de meio. E a todo aquele que invoque saldos, ponderações e cálculos de consequências na busca de justificações, o conceito de dignidade não lhe vai assentar com facilidade.

É o que explica muito bem Javier Gomá no seu livro “[Dignidad](#)”, onde define esta “como *aquilo que estorva*. Estorva o cometimento de iniquidades e vilezas, evidentemente, mas mais interessante é ainda que, às vezes, estorva também o desenvolvimento de causas justas, como o progresso material e técnico, a rentabilidade económica e social, ou a utilidade pública. E este efeito incómodo, entorpecedor e paralizante que muitas vezes acompanha a dignidade, que obriga a deter-se e parar de modo a pensar nela, abre-nos os olhos para a *dignitas* precisamente daqueles que são estorvos porque não servem, os inúteis, os que sobram, que se encontram sempre ameaçados pela lógica de uma história que avançaria mais rapidamente sem eles”.

A que sabe a vida lenta?

Não é de estranhar que a mentalidade utilitária esteja confortável com a velocidade. Se o ideal de uma sociedade é produzir quanto mais melhor no menor tempo possível, a lentidão e a calma são vistas como um estorvo.

Hoje soa a mofo o cantar n.º XXIV de Antonio Machado: “Despacito y buena letra: / El hacer las cosas bien / importa más que el hacerlas” (“Devagar e com boas letras: / Fazer as coisas bem / interessa mais do que fazê-las simplesmente). Ao mesmo tempo, como reação, surgem continuamente iniciativas e livros que reclamam formas mais reflexivas de como usar a tecnologia, comer, consumir, fazer jornalismo...

Por detrás disso, há um desejo de calma, mas também de viver com mais sentido, numa escala mais gerível. Como [diz](#) um dos impulsionadores do movimento *Slow*, Carl Honoré: “Devagar significa colocar a qualidade acima da quantidade, estar presente, saborear os minutos e os segundos em vez de contá-los, dedicar o nosso tempo e energia às coisas que realmente interessam, e fazer tudo o melhor, e não o mais rápido, possível”.

Outra ideia de progresso

Se a lógica utilitarista pressiona a ver cada porção de tempo como uma parcela da qual se devem retirar frutos quantificáveis, o movimento lento convida a recuperar o gosto pela vida: ler pelo prazer de ler, não por ser algo de mais culto; descansar pelo mero facto de se gozar de estar um bocado ao sol, de fazer um passeio ou de ter uma conversa, não como meio para alcançar a [felicidade ótima](#) que nos permita continuar a ser produtivos, etc.

O culminar desta atitude contrária ao utilitarismo seria a estratégia de resistência de Jenny Odell, que resume no lema “[How to Do Nothing](#)”. Na realidade, há algo a fazer: deixar de estimar o que fazemos pelo seu valor produtivo e descobrir que existem muitos momentos na vida que são “fins em si mesmos, não trampolins” para outras coisas.

Contra uma ideia predatória e insaciável do progresso – “ligada à ideia de colocar algo de novo no mundo”, de procurar todos os dias o disruptivo, “a novidade e o crescimento” –, ela propõe outra que inclui verbos como *manter, cuidar, demorar-se, observar...* Não fazer nada é parar para perceber tudo o que existe nessa “realidade aumentada” que é a vida que temos.

Loucura métrica

A mentalidade utilitária dá muita importância ao quantitativo. Quantificar é avançar números; e onde eles existem, é mais fácil calcular se se estão a maximizar benefícios. Hoje este padrão é reforçado pelo [culto das métricas](#), que permite comparar inúmeros dados de forma rápida... e eficaz.

O problema é que aplicar este critério em todos os âmbitos pode levar a resultados [bastante desumanos](#). É uma advertência do sociólogo Steffen Mau, para quem a crescente tendência de avaliar os empregados sob critérios quantitativos está a dar lugar a um novo sistema de estimativa social, onde já não interessa tanto o valor do trabalho bem feito, como pontuar melhor que o resto nas métricas corretas. O que inevitavelmente conduz à desvalorização do trabalho.

Esta lógica é bem visível no âmbito jornalístico, onde conseguir impactos (*visitas, gosto disso, retweets...*) se converteu no indicador definitivo do sucesso. Meios de comunicação como o “The Guardian” e o “The New York Times” já começaram a reagir contra a loucura métrica, e hoje interrogam-se se os seus artigos estão a servir para [dar sentido e compreensão](#), que é onde eles quantificam o verdadeiro sucesso. Os próprios jornalistas do diário nova-iorquino, cujo modelo de negócio se baseia principalmente nas assinaturas, consideram que as notícias mais valiosas muitas vezes não são as que mais cliques conse-

guem, mas as que reforçam nos seus leitores a convicção de “que estão a obter informações e perspetivas que não podem encontrar em nenhum outro lado”.

A primazia do humano

Prescindir do qualitativo em nome da produtividade é certamente uma das vias mais rápidas para minar o humano. Denunciou-o Jenny Odell: uma sociedade que exige traduzir tudo aquilo que fazemos em benefícios económicos, acaba por rejeitar desde ações tão afastadas daquilo que é útil, tipo contemplar, escutar ou meditar, até aos tempos (de descanso, de diversão...) e aos espaços que não são produtivos (parques, jardins...).

Um exemplo ilustrativo: já há quem recomende [abandonar as fórmulas de cortesia](#) nos correios eletrónicos, como agradecer, para evitar o excesso de interações e, de passagem, poluir menos. Certo estudo calcula até as toneladas de carvão que o Reino Unido pouparia se os britânicos enviassem menos mensagens de agradecimento.

Claro que é muito conveniente evitar as mensagens por correio desnecessárias, mas não é possível renunciar à cordialidade para conseguir mais proveitos e sustentabilidade. Ao fim e ao cabo, o imperativo da produtividade descobre sempre motivos para parecer razoável e ganhar vantagem. Mas alguma vez se terá de enfrentar a chantagem e recordar que o humano tem os seus ritmos, os seus custos, as suas maneiras de criar valor...

E eu, quem quero ser?

Em “[The Benedict Option](#)” – um livro mais interessado em espicaçar formas de pensar e modos de vida contraculturais do que em criar guetos para crentes –, Rod Dreher lamenta algumas manifestações da mentalidade utilitária.

Muitas escolas – incluindo as de inspiração cristã – dão por adquirido que o primordial é preparar os alunos para o mercado laboral e assegurar que tenham o sucesso suficiente de modo a conseguirem uma vida confortável. Na política, o compromisso cívico dos que querem contribuir para a regeneração ética da sociedade, aparece cada vez mais condicionado pela necessidade de ver resultados imediatos...

Perante estas atitudes, Dreher insiste em fazer despertar antes de mais nada o desejo de “uma vida íntegra”. E dá como exemplo os dissidentes checos sob o regime comunista, cujo programa de resistência sintetiza com palavras de Flagg Taylor, estudioso desses movimentos: “Assumiram a ideia de que as suas

ações mereciam a pena por si próprias e não pelas consequências concretas e quantificáveis que pudessem ter”.

Neste caso, as suas ações serviram para ir ganhando liberdades, mas tem de se estar disposto a experimentar o dado que a retidão nem sempre é premiada. Aqui, o critério decisivo não é o que se consegue, nem como acontecem as coisas aos outros, mas quem queremos ser.

Educar na beleza

Em geral, à mentalidade utilitária – já o vimos – interessa pouco como são as coisas em si. Daí que, outro grande antídoto contra este modo de pensar seja educar de forma a que se perceba terem as pessoas um valor intrínseco e existirem atitudes, atividades, coisas... valiosas em si próprias.

O próprio tempo na sala de aula já deveria ser encarado como uma oportunidade para mergulhar no puro desfrute da vida intelectual enquanto fim em si mesmo, reivindica José María Torralba em “[Una educación liberal](#)”.

E em todas as experiências de formação possíveis contra a mentalidade utilitária, uma das mais necessárias hoje é a educação na beleza. Makoto Fujimura [avança dois motivos](#): primeiro, porque a beleza ensina-nos existirem coisas que objetivamente merecem estima. E segundo, porque educar na beleza é educar afirmando que o valor supremo de uma sociedade não é a utilidade. Ou por outras palavras: é educar numa compreensão mais elevada da vida do que a oferecida pela mentalidade de *tanto produces, tanto vales*.

J. M.